

Por que Nietzsche não foi jesuíta?*

Why was Nietzsche not Jesuit?

Davi Mendes Caixeta**

Resumo

Por que Nietzsche não foi jesuíta? Dificilmente Nietzsche teria sido um jesuíta. Primeiramente, ele nasceu e foi educado numa tradicional família protestante. Em segundo lugar, um pensador que fez tantas críticas ao cristianismo e, mais precisamente, à religião católica jamais iria ingressar numa ordem religiosa como a Companhia de Jesus e se submeter aos seus preceitos. Mas essa pergunta, por mais óbvia que seja sua resposta, provoca uma interessante reflexão sobre alguns aforismos de Nietzsche sobre o jesuitismo, criticando, questionando e ironizando os jesuítas. Este trabalho busca compreender o jesuitismo como grande e, ao mesmo tempo, medíocre estilo, capaz de afrouxar a tensão do arco que impulsiona o espírito a atingir metas mais distantes. Dessa forma, recorre-se ao significado de jesuitismo, considerando, sobretudo, a compreensão de Dostoiévski sobre essa temática, relacionando esse grande literato com Nietzsche.

Palavras-chave: Nietzsche; Dostoiévski; jesuitismo.

* Artigo recebido em 09/03/2017 e aprovado para publicação em 12/06/2017.

** Mestrando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Bacharel em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE. Bacharel em Direito pela Universidade de São Paulo – USP. Contato: davicaixeta@gmail.com.

Abstract

Why was Nietzsche not a Jesuit? Nietzsche hardly would have been a Jesuit. Firstly, he was born and was educated in a traditional protestant family. Secondly, a thinker, who did so many criticisms to Christianity and especially to Catholicism, would never join a religious order like Society of Jesus, and be submitted to its rules. However, this question, even been so obviously, provokes an interesting comment to Nietzsche's aphorisms about Jesuitism, where he criticizes, questions and mocks the Jesuits. This article seeks to understand Jesuitism, at the same time, a great and poor style, which is able to loosen the arc tension, damaging the spirit to reach further targets. Thereby, the meaning of Jesuitism is necessary, considering mainly Dostoyevsky's understanding about this topic, relating this writer with Nietzsche.

Keywords: Nietzsche; Dostoyevsky; Jesuitism.

Soa estranho esta pergunta: por que Nietzsche não foi jesuíta? Tal estranheza se justifica por vários motivos. Dificilmente alguém iria cogitar a possibilidade de que uma pessoa, nascida numa tradicional família protestante, se converteria ao catolicismo e ingressaria numa ordem religiosa como a Companhia de Jesus. Sabe-se que Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900), nascido em Röcken, uma pequena e pacata localidade na Alemanha, próxima a Leipzig, e era neto de pastores protestantes (FÉRES, 1999, p. 5). O próprio Nietzsche, em dado momento de sua vida, também cogitou a possibilidade de seguir a mesma carreira de seus antepassados.

Mas nada impede que uma pessoa rompa com a tradição familiar e enverede por outros caminhos, como, por exemplo, professando uma religião diferente daquela ensinada pelos progenitores. Talvez seja possível dizer que uma conversão tenha acontecido na vida de Nietzsche. No entanto, é pouco provável que se trata de uma mudança do protestantismo para o catolicismo. O que se pode imaginar dessa conversão foi que, durante a caminhada desse excêntrico pensador, houve uma mudança da religião para algo muito diferente do que se imagina por qualquer denominação religiosa. Pode-se entender que Nietzsche buscou algo que estivesse além da religião ou de qualquer dogmatismo religioso. O afastamento de Nietzsche em relação à religião começou com seu envolvimento com a arte e com a filosofia, quando ele começou seus estudos na famosa Escola de Pforta, sob a influência de alguns colegas e professores (ibidem).

Esse tipo de mudança na vida de Nietzsche já mostra uma segunda estranheza, ou seja, não parece lógico considerar qualquer relação de

proximidade entre Nietzsche e os jesuítas. Se a conversão pela qual passou Nietzsche foi deixar de professar o protestantismo e se libertar de todas as cadeias impostas pela religiosidade, ele jamais iria buscar outra instituição cristã, muito menos uma ordem religiosa, em que normalmente acontece a sujeição de alguém aos votos de pobreza, castidade e obediência. Por isso, ninguém iria imaginar que um filósofo, com a liberdade e o senso crítico de Nietzsche, rompendo drasticamente com seus laços protestantes e cristãos, sequer pensaria em se tornar jesuíta.

Esses dois estranhamentos, a princípio, já respondem devidamente à pergunta sugerida no presente artigo. Nietzsche não foi um jesuíta, uma vez que a tradição de sua família não era católica, mas provinha de uma longa geração de matriz protestante. Além disso, esse pensador não fez somente uma ruptura com o protestantismo, mas com toda a tradição da metafísica e da moral cristãs. Por isso, jamais haveria qualquer possibilidade que ele viesse a ingressar em qualquer ordem religiosa, muito menos na tradicional e disciplinada Companhia de Jesus. Se esse pensador escutasse uma pergunta dessas, provavelmente, com seu afiado bom humor filosófico, riria da ingenuidade de seu interlocutor, com tão leviana indagação.

No entanto, quando se analisar mais detalhadamente os escritos de Nietzsche, observa-se que essa pergunta não permanece tão óbvia quanto parece. Em muitos textos desse pensador há diversas menções ao cristianismo, sob os mais diversos assuntos. É evidente que Nietzsche empreendeu, em vários de seus livros e aforismos, críticas ferrenhas ao cristianismo, como se observa, por exemplo, na obra intitulada *O Anticristo* (ibid. p. 8). Como se não bastassem as críticas, de maneira geral, dirigidas à moral cristã, ele também fez alguns comentários bem específicos sobre os jesuítas e o que ele entendia por jesuitismo. Esse tratamento dado ao cristianismo e aos jesuítas mostra que perguntar por sua aversão a essas duas coisas não é algo tão óbvio assim. Pelo contrário, a reflexão sobre “porque Nietzsche jamais seria um jesuíta” significa, ao final das contas, entender qual era a visão e o posicionamento que ele tinha sobre o jesuitismo.

Um texto bastante conhecido em que Nietzsche trata dos jesuítas e do jesuitismo é o “Prólogo” de *Além do bem e do mal*, publicado em 1886. Nietzsche faz uma menção bastante ambígua ao jesuitismo, juntamente com a ilustração democrática, através da metáfora de um arco e flecha. Como será mostrado abaixo, é curioso observar que Nietzsche entende o jesuitismo, por um lado, como um “grande estilo”; e, por outro, como um estilo capaz de aliviar a tensão do espírito, impedindo-o de atingir seu alvo.

No referido texto, primeiramente, o autor considera que o platonismo e o pensamento cristão-elesiástico, por meio dos embates, ajudaram a produzir na Europa “uma magnífica tensão do espírito” (NIETZSCHE, 2008, “Prólogo”). Esse filósofo enxerga um valor nas lutas

entre os diversos pensamentos, entendendo que tais conflitos levam a uma tensão no espírito, como se fosse uma tensão causada num arco, deixando-o tenso para mirar sua flecha a alvos mais distantes. Em seguida, Nietzsche ressalta dois grandes estilos, o jesuitismo e a ilustração democrática, como duas tentativas para distender o arco:

Sem dúvida o homem europeu sente essa tensão como uma miséria; e por duas vezes já se tentou em grande estilo distender o arco, a primeira com o jesuitismo, a segunda com a Ilustração democrática – a qual pôde realmente conseguir, com ajuda da liberdade de imprensa e da leitura de jornais, que o espírito não mais sentisse facilmente a si mesmo como “necessidade”! (Os alemães inventaram a pólvora – todo respeito! –, mas ficaram novamente quites: inventaram a imprensa.) (Nietzsche, 2008, “Prólogo”)

O jesuitismo, juntamente com a ilustração democrática, é um “grande estilo”, que tem a pretensão de aliviar a tensão do espírito, dissipar a tensão do arco, impedindo a flecha de atingir um alvo mais distante. Isso ocorre porque esses dois estilos são especialistas em pacificação e conciliação, fazendo findar toda luta e toda guerra. Ora, se a guerra e a luta, no pensamento de Nietzsche, são coisas importantes para manter o espírito vivo, o jesuitismo e a ilustração democrática, por aliviar a tensão e a guerra através de seus ideais de igualdade e democracia, impedem o arco de se dobrar e a flecha de atingir seus alvos mais distantes. Mesmo que se trate de “grandes estilos”, essa grandiosidade, ironicamente, não traz mais vida, mas sim uma estagnação. A metáfora utilizada aqui é o arco tensionado cuja flecha busca atingir um alvo; se não existe tensão no arco, uma flecha não pode ser disparada; se não há luta nem guerra, nenhuma meta se atinge, nada se alcança, o espírito se esvai, não há mais vida.

A menção aos jesuítas não termina aí. Ao final do “Prólogo” da referida obra, Nietzsche ainda conclama, usando a primeira pessoa do plural, que aquelas pessoas que, como ele, não são jesuítas, nem democratas, nem suficientemente alemães, mas que são espíritos livres, estes ainda possuem toda a tensão. Nesse sentido, destaca-se o seguinte:

Mas nós, que não somos jesuítas, nem democratas, nem mesmo alemães o bastante, nós, *bons europeus* e espíritos livres, *muito* livres, nós ainda as temos, toda a necessidade do espírito e toda a tensão do seu arco! E talvez também a seta, a tarefa e, quem sabe? a *meta*... (Nietzsche, 2008, “Prólogo”.)

Esse trecho ajuda a entender que há uma oposição entre o que Nietzsche compreendeu por jesuíta e o que ele quis dizer por espírito livre. Por um lado, o espírito livre transmite a ideia de um homem despido de todas as crenças, capaz de inventar qualquer nova ideia e de utilizar todos os instrumentos, o arco e flecha, para atingir o alvo mais distante possível. O jesuíta, assim como o democrata, seria aquele espírito escravo a certas crenças que o impendem de ir além, que aliviam a tensão do arco e flecha, e, por isso, é incapaz de se lançar às suas metas.

Mais adiante, em *Além do bem e do mal*, Nietzsche vai retomar seus comentários ao jesuitismo no aforismo 206. No capítulo sexto, intitulado "Nós, eruditos", o autor vai analisar os vários tipos de eruditos, apontando como eles são capazes de cometer tantos problemas, por meio de suas posições diante da vida. Nesse sentido, o pior tipo de erudito é aquele que tem o instinto de mediocridade, que trabalha para afrouxar o arco teso. Esse é o caso, na visão de Nietzsche, do jesuitismo:

O pior e mais perigoso do que é capaz um erudito vem do instinto de mediocridade, que trabalha instintivamente na destruição da pessoa invulgar e busca partir – ou melhor ainda – afrouxar todo o arco teso. Afrouxar com consideração, com mão solícita, naturalmente – afrouxar com compaixão que inspira confiança: eis a verdadeira arte do jesuitismo, que sempre soube apresentar-se como a religião da compaixão. (Nietzsche, 2008, § 206)

O jesuíta, nessa obra, é considerado não só como um erudito, mas como o pior dentre estes, o mais medíocre. Para Nietzsche, esse tipo de erudito é capaz de distender a envergadura do arco, utilizando o artifício da compaixão, ou melhor, apresentando-se como a religião da compaixão. Essa é uma observação que merece um destaque, porque se relaciona o pior tipo de erudito, o medíocre, com a ideia de compaixão, algo que o senso comum tem como grande valor. O jesuitismo fica caracterizado como um erudito medíocre, perspicaz e eloquente que, através da pregação da compaixão, é capaz de distender o arco, impedindo o espírito de ir mais além e de atingir alvos mais distantes.

Além desses textos, Nietzsche faz outras menções aos jesuítas, que ajudam a elucidar a ideia que tal autor tinha sobre esse tipo de homem religioso. Em seus aforismos, compreendido no conjunto dos "Fragmentos póstumos da primavera-verão de 1883", depreendem-se mais algumas críticas acirradas contra os jesuítas. Nesses escritos, Nietzsche afirmou o seguinte: "O ponto de vista supremo do jesuitismo e do socialismo:

dominação da humanidade com a finalidade de fazê-la feliz” (NIETZSCHE, 2002, § 7[238]).

Dessa vez, é importante notar que Nietzsche aproxima o jesuitismo do socialismo, diferentemente dos trechos anteriores, em que o jesuitismo havia sido colocado ao lado da ilustração democrática e da compaixão. Nietzsche relaciona os jesuítas e os socialistas para realçar duas características bastante interessantes desses dois grupos: a busca pela dominação da humanidade e a desculpa de fazer a humanidade feliz. Ora, mais uma vez há uma nítida ironia pela contradição entre dominação e felicidade. Ninguém pode desejar a felicidade do outro dominando-o; mas a dominação acontece somente para a felicidade do vencedor, não do vencido. Com isso, o autor vem explicitar o verdadeiro motivo da ação dos jesuítas, bem como dos socialistas, que é efetuar a dominação da humanidade, não simplesmente fazê-la feliz como tentam alegar.

Nesse mesmo conjunto de aforismos, há ainda uma segunda retomada dos jesuítas. Destaca-se o seguinte trecho em que Nietzsche sugere a necessidade de colocar um espírito livre no lugar do filósofo, mas tomando cuidado para que ele não seja jesuíta:

No lugar do filósofo, coloquei o espírito livre, que é superior ao erudito, ao pesquisador, ao crítico, e que continua vivo acima de muitos ideais: aquele que sem se tornar jesuíta, examina a constituição ilógica da existência: o redentor em relação à moral. (NIETZSCHE, 2002, § 16 [14])

Segundo esse trecho, o espírito livre deve ocupar o lugar do filósofo, como um ser superior ao erudito, ao pesquisador e ao crítico. Esse espírito vem examinar a constituição ilógica da existência e se tornar o redentor em relação à moral. Mas Nietzsche adverte o espírito livre para que tome cuidado para não se tornar um jesuíta. Pode-se entender que Nietzsche se opõe à condição de jesuíta, prevenindo que o espírito livre caia no perigo de se tornar um jesuíta.

Todos esses fragmentos de Nietzsche que fazem referências aos jesuítas e ao jesuitismo estão permeados de ambiguidades e podem ser lidos sob diversas perspectivas. Numa primeira perspectiva, é possível fazer uma compreensão sobre os jesuítas a partir dos diversos elogios, exaltando seu grande estilo, sua busca pela felicidade da humanidade, sua compaixão, suas semelhanças com o espírito livre. Mas também se pode ler tais textos como se Nietzsche fosse imensamente crítico e irônico quanto aos jesuítas, mantendo seu humor para falar dos jesuítas. Segundo essa perspectiva, mesmo fazendo alguns supostos elogios, como “grande estilo”, Nietzsche ressalta os aspectos negativos do jesuitismo, como sua mediocridade quanto às metas a serem alcançadas pelo espírito,

sua busca pela dominação da humanidade, sua pregação de escravidão disfarçada de liberdade.

Para sustentar o argumento de que Nietzsche, de fato, empreende uma ferrenha crítica aos jesuítas, é de grande ajuda se recorrer às fontes que Nietzsche teve sobre tais termos, em quem teria se inspirado para pensar tais críticas. Pergunta-se: de onde Nietzsche tirou o termo jesuitismo? Qual foi a visão em que ele se baseou para compreender os jesuítas? Que pensadores podem tê-lo inspirado?

Nietzsche não inventou o termo jesuitismo. Tampouco foi somente esse filósofo que estendeu o sentido de jesuitismo para significar, além da doutrina moral ensinada pelos jesuítas, hipocrisia, mediocridade, ilusão ou vilania. O termo jesuitismo, com sua pluralidade de sentidos e ambiguidades, remonta alguns anos antes. Embora Nietzsche não tenha citado explicitamente Blaise Pascal (1623-1662) em *Além do bem e o mal*, sabe-se que o jesuitismo foi o grande inimigo desse pensador do século XVII. Se o nome de Pascal não foi ressaltado nos aforismos apresentados anteriormente, o jesuitismo, seu grande inimigo, foi mencionado (LAMPERT, 1996, p. 33). Isso significa que o embate entre os jesuítas e diversos filósofos não começou com Nietzsche, este não foi o primeiro a combater os jesuítas nem foi ele que cunhou o termo jesuitismo. Essa briga, na verdade, vem se arrastando há várias décadas, por importantes pensadores e literatos.

Outra pessoa que utilizou o termo jesuitismo em seus textos foi o escritor russo Fiodor Dostoievski (1821-1881). Em mais de uma obra, esse literato não cansa de fazer diversos tipos de menções aos jesuítas, algumas bem ferrenhas outras bem irônicas. Ora, sabe-se que Dostoievski influenciou o pensamento de Nietzsche, uma vez que ambos trabalharam temas muito próximos, como o niilismo, o ateísmo, a crítica à moral cristã europeia. A diferença principal entre Dostoievski e Nietzsche está no fato de que o primeiro construiu seu pensamento na literatura, enquanto que o segundo enveredou mais propriamente pela filosofia, escrevendo seus aforismos. Acredita-se que Nietzsche foi um grande leitor de Dostoievski porque ele chegou a se apropriar largamente do termo "niilismo". Por isso, nada impede que Nietzsche também tenha se inspirado e feito uso do termo "jesuitismo", que também aparece nas obras do famoso literato russo.

Mas o que é, afinal, o jesuitismo para Dostoievski? Em que sentido, Nietzsche pode ter sido inspirado por esse autor russo em sua compreensão sobre os jesuítas? Essas perguntas mostram que é necessário considerar o que Dostoievski entendeu por jesuitismo, retomando alguns trechos de algumas de suas obras, analisando sua tensa relação com os próprios jesuítas. Acreditando-se que Nietzsche foi um leitor de Dostoievski, um estudo da relação entre o autor russo e os jesuítas pode, em certa medida, ajudar a elucidar a compreensão de Nietzsche sobre o jesuitismo.

Muitos estudiosos de Dostoievski entendem que ele teve uma relação conturbada e obsessiva com os jesuítas. A família de Dostoievski tinha fortes ligações com o clero russo. Seu bisavô paterno foi um membro da comunidade religiosa uniata, na cidade ucraniana de Bratslava; seu avô foi um padre da mesma seita. Sabe-se que o pai, antes de fugir para Moscou, também estava destinado a seguir a carreira sacerdotal, como fez o avô de Dostoievski (FRANK, 1999, p. 32). A comunidade religiosa uniata foi resultado de um acordo negociado pelos jesuítas, para se garantir um instrumento de proselitismo sobre o campesinato, que era predominantemente ortodoxo, com a finalidade de que aceitassem a autoridade suprema do Papa de Roma (ibidem.). Assim, esse tipo de envolvimento dos jesuítas nas comunidades ortodoxas do interior, com seus estratagemas para manipular a fé dos camponeses, causou grande impacto na vida de Dostoievski:

O misto de fascinação e horror com que Dostoievski sempre olhou os jesuítas, que considerava capazes de qualquer vilania para controlar as almas dos homens, pode ter sido estimulado por algum comentário ouvido quando criança a respeito do credo religioso de seus antepassados. (FRANK, 1999, p. 32)

Alguns anos depois, o interesse de Dostoievski pelos jesuítas continuou latente. Em 1847, quando ele já estava envolvido em seus trabalhos jornalísticos, ajudou na elaboração de uma enciclopédia, corrigindo alguns artigos sobre os jesuítas. Isso mostra como o escritor russo tinha um especial interesse pela história e pela natureza dessa ordem religiosa católica, cuja influência mundial veio a tornar-se uma de suas grandes obsessões (ibid. p. 288). Em vários outros momentos, o grupo de ativistas socialistas, com quem Dostoievski, em dado momento histórico, tinha alguma relação, chegou a elencar o jesuitismo, juntamente com a propaganda e a revolta, como métodos ilegais de ação para as sociedades secretas (ibid. p. 347). A discriminação contra os jesuítas só aumentou e, praticamente, se consolidou quando, na metade do século XIX, eles foram expulsos do território russo (ibid. p. 338).

A obsessão de Dostoievski contra os jesuítas também repercutiu em suas obras literárias. Um dos romances de destaque do autor russo, em que há uma curiosa passagem sobre os jesuítas, é *O Idiota*, escrito entre os anos 1867 e 1868. Nessa história, o herói é o Príncipe Míchkin, que, por causa de sua enfermidade, passou muitos anos na Suíça, em tratamento médico, com a ajuda de seu benfeitor Pavlíchtchev. Ao regressar à Rússia, trava conhecimento com a excêntrica família Epantchín. Na última parte da história, Míchkin fica noivo de Agláia Epantchín e, durante a recepção do noivado, ele conhece alguém que teve contato com seu antigo e querido benfeitor. Chama a atenção a reação do

Príncipe ao ficar sabendo que Pavlíchtchev abandonou a carreira, se converteu ao catolicismo, doou seus bens aos pobres e ingressou na ordem dos jesuítas. O herói exclama sem nenhuma cerimônia: "Pavlíchtchev converteu-se à Igreja Romana? Impossível!" (DOSTOIEVSKI, 2004, p. 598). A indignação diante dessa notícia é o pretexto para o Príncipe Míchkin fazer seu patriótico discurso exaltando a Rússia e a Igreja Ortodoxa, maldizendo a Igreja Católica por falsear o Cristo, colocando-a numa situação mais degradante do que a do ateísmo (ibid. p. 599).

Em seu famoso romance *Os irmãos Karamázovi*, escrito em 1879, também há diversas referências aos jesuítas, sendo que, numa delas, o autor utiliza o termo jesuitismo. Com o intuito de compreender a visão de Dostoievski sobre os jesuítas, destacam-se três momentos em que isso fica fortemente presente. A primeira passagem está no famoso capítulo sobre "O grande inquisidor", na conversa de bar empreendida entre os irmãos Ivã, defensor do ateísmo, e Aliócha, um homem bastante religioso. Nessa conversa, Ivã declama seu poema sobre o grande inquisidor. Aliócha admira o pensamento do irmão e diz que essa doutrina é um elogio a Jesus, não uma censura. Sugere ainda que somente a Igreja Ortodoxa pode acolher com profundidade o sentido de tal pensamento; porém, a Igreja de Roma não tem condições de entendê-lo, especialmente seus piores elementos, os inquisidores e os jesuítas (DOSTOIEVSKI, 1973, p. 194).

A segunda passagem sobre os jesuítas, nessa obra, se dá no capítulo sobre "O diabo, a alucinação de Ivã Fiódorovitch". Nesse capítulo, Ivã, após o parricídio e no auge de seu delírio, dialoga com seu irmão Aliócha, ridicularizando a incoerência dos jesuítas em seus confessionários, como meio capaz de enganar as pessoas em seus momentos de sofrimentos: "quanto aos confessionários jesuíticos, são na verdade meu divertimento agradável nas horas de tristeza" (ibid. p. 450).

E a terceira passagem sobre os jesuítas está no epílogo desse livro, no capítulo intitulado "Por um instante a mentira torna-se verdade". Dimítiri Fiódorovitch, o irmão mais velho, no cárcere, triste e condenado pelo assassinato do pai, se espanta com a atitude do irmão Aliócha. Este, durante toda a história, acreditava na inocência do irmão mais velho. Quando se deparam com a injustiça da sentença judicial, Aliócha propõe uma fuga através da corrupção da consciência de alguns soldados. Dimítiri chega a dizer que fica surpreendido com o irmão mais novo, famoso por sua retidão de caráter e por sua santidade, em ser apanhado em "flagrante delito de jesuitismo" (ibid. p. 526).

Essas passagens na obra *Os irmãos Karamázovi* ilustram com bastante clareza que Dostoievski não tinha um entendimento positivo sobre os jesuítas e sobre significado de jesuitismo. Muito pelo contrário, o autor russo sustenta uma certa ambiguidade no significado de jesuitismo, formulada desde os debates empreendidos entre Pascal e os

jesuítas. Não raras vezes Dostoievski critica a doutrina e a postura dos jesuítas em suas obras, fazendo menção a tal grupo religioso através de ironias e contradições. Nas duas obras supracitadas, quando alguém é chamado pelo adjetivo de jesuíta, isso quer significar na maioria das vezes que tal pessoa é mentirosa, hipócrita, iludida em sua fé. Causa indignação alguém ser tido como católico, mais ultrajante ainda é ser chamado como jesuíta. Fica evidente que, para o pensador russo, a fé ortodoxa é superior ao catolicismo. Também fica claro que, dentre os principais tipos de enganos da Igreja de Roma, o jesuitismo se destaca como uma das farsas mais perniciosas, uma vez que esta ordem religiosa está associada ao engando e à corrupção, uma doutrina que utiliza de tudo que for preciso para manipular a consciência do outro em prol dos próprios interesses.

Nietzsche, enquanto leitor de Dostoievski, herda, em certa medida, a obsessão contra os jesuítas e a crítica contra o jesuitismo. Ele dá continuidade às ironias e ambiguidades com relação à doutrina ensinada pelos jesuítas. Para Dostoievski, os jesuítas, falsos conciliadores e grandes corruptos, eram capazes de infiltrar na tradição ortodoxa russa e corrompê-la. Para Nietzsche, o jesuitismo é uma mediocridade, que se apropria da compaixão, para afrouxar a tensão do arco e impedir que o espírito atinja alvos mais distantes. Assim como Dostoievski criticou veementemente os jesuítas, Nietzsche também deu continuidade a essa oposição.

Talvez Nietzsche tenha conseguido dar um passo a mais que Dostoievski em suas críticas contra os jesuítas. Para o russo, ainda havia uma certa oposição entre a fé ortodoxa e a fé católica, o espírito russo e a doutrina jesuítica. Apesar da vilania dos jesuítas, ainda não se enxergava que o grande problema no arco e flecha era acabar com a tensão. Somente Nietzsche foi capaz de observar que o jesuitismo, assim como as ideias democráticas, são estilos maiores e mais danosos que o platonismo. O jesuitismo representou uma tentativa de aliviar a tensão do arco e superar o combate entre platonismo e antiplatonismo, que vem se arrastando há mais de dois milênios. Por causa da mediocridade escondida em sua pretenciosa erudição, buscou-se findar com qualquer tipo de luta e guerra, afrouxando a tensão do arco.

Nietzsche constantemente protesta contra aqueles que lutam para descobrir os limites do conhecimento humano, somente para ganhar, ao mesmo tempo, a rédea livre para suas próprias metafísicas. Isso é precisamente que Nietzsche detesta, o que ele chama "jesuítas". (MONTINARI, 2003, p. 60, tradução nossa)

Nietzsche dá seguimento às críticas feitas por tantos filósofos contra os jesuítas. Ele também se inspira, em certa medida, na obsessão e na

ironia de Dostoievski contra o jesuitismo para construir suas críticas a esse grande estilo. Nietzsche também é capaz de enxergar como o jesuitismo, através da hipocrisia, da mentira e da mediocridade disfarçada de compaixão, foi uma tentativa de estagnar o espírito em sua busca por alvos mais distantes. O jesuitismo mantém uma ilusão que deve ser assimilada como base de toda a cultura, pacificando-a e superando qualquer tipo de guerra e de conflito (LAMPERT, 1996, p. 33).

Não seria exagero dizer que o jesuíta, para Nietzsche, é uma contraposição aos espíritos livres. Enquanto o primeiro busca a dominação por meio da compaixão, o segundo busca a liberdade através da guerra. Se o primeiro vem sustentar as cadeias de dominação moral, o segundo representa a redenção em relação à moral.

Após essas considerações sobre o tratamento que Nietzsche deu ao jesuitismo, pode-se retornar à pergunta colocada no início deste trabalho para respondê-la de uma forma mais precisa. Por que Nietzsche não foi um jesuíta? Nietzsche não se tornou um jesuíta somente porque ele provinha de uma tradicional família protestante, tampouco porque teceu críticas quanto a moral e a metafísica cristãs. Esse filósofo jamais teria ingressado na Companhia de Jesus e se tornado um de seus membros, porque ele se entendia como um espírito livre, que não podia ser dominado por nenhum tipo de compaixão que afrouxasse sua tensão por metas mais distantes. Inspirado por pensadores e literatos que viram as ambiguidades e hipocrisias do jesuitismo, Nietzsche procurou manter o olhar atento e crítico do guerreiro que não se deixar enganar pela mediocridade disfarçada de compaixão.

Referências

DOSTOIEVSKI, Fiodor. *O Idiota*. Tradução de José Geraldo Vieira. São Paulo: Martin Claret, 2004.

_____. *Os Irmãos Karamázovi*. Tradução de Natália Nunes e Oscar Mendes. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

FÉRES, Olgária Chain. "Vida e Obra". In. *Friedrich Nietzsche – Obras incompletas*. Coleção Os Pensadores. São Paulo, Nova Cultural, 1999, pp. 5-15.

FRANK, Joseph. *Dostoiévski: as sementes da revolta, 1821-1849*. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

LAMPERT, Laurence. *Leo Strauss and Nietzsche*. Chicago & London: The University of Chicago Press, 1996.

MONTINARI, Mazzino. *Reading Nietzsche*. New York: University of Illinois Press, 2003.

NIETZSCHE. Friedrich Wilhelm. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. "Fragmentos Póstumos do Outono de 1883". In. *Fragmentos Finais*. Tradução de Flávio R. Kothe. São Paulo: Editora UnB, 2002.